

HE KOINÈ DIÁLEKTOS²⁷

Uma Abordagem Histórica, Linguística e Teológica

Luciene de Lima Oliveira²⁸

Embora nos seja vedado o conhecimento da verdadeira natureza da koiné falada, nas várias fases de sua existência, pela própria fluidez inerente ao uso corrente de qualquer idioma, ela foi, realmente, uma língua de civilização, de extrema importância para a cultura cristã.

(Guida Nedda B. P. Horta)

Costuma-se datar o *Período Helenístico* a partir das conquistas do macedônio, Alexandre Magno (336 a.C.)²⁹ até o domínio romano da Grécia (146 a.C.). A propósito, Finley sublinha que foi, no *Período Helenístico*, que a civilização grega se expandiu para leste, de onde a aristocracia greco-macedônia governava grandes territórios do Próximo Oriente, sob o domínio de monarcas absolutos (FINLEY, 1963, p. 26).

A Macedônia era um dos Estados localizados nos limites do mundo grego. Atualmente, aceita-se que os povos que habitavam essas regiões seriam os últimos bandos de invasores de língua grega que haviam chegado à Península Balcânica. Assim, ao habitarem o norte da região, viviam como pastores seminômades. Porém, somente,

²⁷ Tradução do Título: *O Dialeto Koiné*. Sublinhe-se que o presente artigo constitui um resumo e uma adaptação de três livros da autora intitulados: “Gramática de Grego Bíblico” – *Neotestamentária* – Tomos I e II (publicados em 2008) e “Estilística Retórica & ‘Estrangeirismos’ na Koiné Neotestamentária” (ainda a ser publicado).

²⁸ Mestre em Letras Clássicas (*Modos e Tons do Discurso Grego*) pelo PPGLC da Faculdade de Letras da UFRJ e Professora Substituta de Língua e Literatura Grega do Instituto de Letras da UERJ.

²⁹ O macedônio sucedeu a seu pai, o rei Filipe II, quando esse foi assassinado em 336 a.C.

no século VII a.C., surgiu um poder centralizado, onde a realeza se transmitia de modo hereditário. Os soberanos macedônios se diziam gregos em suas origens (MOSSÉ, 2004, p. 18-19).

Convém citar Aristóteles que, ao se referir sobre as realezas contemporâneas, cita os reis dos lacedemônios, dos macedônios e dos molossos como paradigmas daquelas realezas que foram fundadas por “mérito” (ARISTÓTELES. **Política** V, 1310 b 35-40)³⁰.

Acredita-se que o vasto império de Alexandre Magno - que teve por mestre o filósofo grego Aristóteles, adquirindo, portanto, uma cultura profundamente helênica - era superior a 9.000.000 km². O estado maior era o dos Selêucidas, correspondendo cerca de dois terços do *Império Alexandrino*.

Assim sendo, o helenismo se espalhou por cidades variadas que não tinham origem grega, diziam-se *helenizadas* (FERGUSON, 1973, p. 43).

É bom citar ainda o historiador italiano Arnaldo Momigliano que ressalta que “a civilização helenística permaneceu grega na língua, nos costumes e, sobretudo, na consciência de si mesma. A suposição tácita em Alexandria e Antioquia, exatamente tanto quanto em Atenas, era a superioridade da língua e dos hábitos gregos” (MOMIGLIANO, 1991, p. 13).

³⁰ Digno de nota são as considerações que foram feitas por Zarkada Branco a respeito da Macedônia: Quanto à origem grega ou bárbara dos macedônios, sempre houve a discussão entre os que os apontavam como integrantes de um ramo dórico, e, portanto gregos, e os que os consideravam ilírios ou trácios, não-helenos. As descobertas de Vergina vieram reforçar a primeira tese. Os nomes, que constam das estelas encontradas, têm raízes inequivocamente gregas, e fornecem novas provas de que seu idioma era um dialeto grego. Além disso, o alto nível cultural e artístico dos objetos descobertos mostram que a Macedônia não era uma região incivilizada como quiseram afirmar no passado, mas, pelo contrário, possuía esse aspecto um desenvolvimento semelhante ao de outras partes da Grécia (BRANCO, 1985, p. 15-16).

As cidades fenícias se transformaram em grandes centros de difusão do *helenismo* no Oriente Médio. A cultura fenícia sofreu influências de diversos modelos estrangeiros como egípcios, mesopotâmicos, anatólios e egeus.

Lévêque atesta que “nem mesmo os desertos da África e da Arábia constituem obstáculos intransponíveis à penetração do helenismo, mas não será de admirar que ele seja muito mais superficial nestas regiões” (LÉVÊQUE, 1987, p. 192).

Como propõe o historiador Funari,

A principal característica desse mundo helenístico era a convivência de inúmeros povos, com dezenas de línguas, governados por um elite de origem macedônica e que tinha na língua grega um elemento de comunicação oficial e universal. Foram fundadas diversas cidades, como Alexandria, no Egito, que viria a se destacar por uma vida intelectual intensa. A civilização helenística baseava-se na convivência de muitos povos e as trocas culturais entre os diferentes grupos intensificou-se de forma extraordinária (Funari, 2002, p. 76).

Ora, depois da vitória dos gregos nas guerras medo-pérsicas (em torno do início do século V a.C.), Atenas já estava firmada, no que diz respeito ao poderio militar e econômico em relação às outras *póleis*, se tornando a “capital” intelectual e política da Hélade. Com isso, seu dialeto ático³¹ se estabeleceu como língua literária e se destacou

³¹ Considera-se a língua grega como parte integrante de uma grande família linguística do indo-europeu, conhecido também como *indo-germânico*. Acredita-se que, a partir do III milênio a.C., várias tribos indo-européias, que invadiram o continente europeu, são consideradas os antepassados dos gregos. Essas tribos, de acordo com alguns estudiosos, falavam uma espécie de “língua unificada”, que os linguistas denominam de “grego comum pré-histórico” (não confundir com a *koiné*), e que, com o tempo, foi se fragmentando

em relação aos demais que foram perdendo, aos poucos, sua importância. Salienta-se ainda que, somente, com as muitas conquistas territoriais do macedônio Alexandre Magno no século IV a.C., o ático tornou-se a língua de comunicação comum e internacional a vários povos helenizados pelo filho de Filipe II.

Sublinhe-se que o dialeto ático, agora, com formas jônicas e com várias expressões da linguagem corrente, denominou-se de *hē koinè diálektos*, isto é, a “língua comum” que também recebe a denominação de “*Koiné Alexandrina ou Helenística*” (OLIVEIRA, 2008a, p. 26).

Era natural que, no século IV, a influência do ático se espalhasse e se sobrepusesse a outros dialetos; a adoção por Filipe da Macedônia fez com que Alexandre e os generais, que se tornaram seus sucessores, continuassem a empregá-lo. Estes reinos flutuantes exigiam uma linguagem comum e encontraram-na num ático modificado. Os outros dialetos não se perderam por completo, foram absolvidos, e o jônio, especialmente, teve importância na formação da koiné (FERGUSON, 1973, p. 34).

Na verdade, a língua falada pelos macedônios era o antigo macedônio, também uma língua indo-européia. O antigo macedônio³² foi, gradualmente, a partir do século IV a.C. substituído pela *koiné*, conforme a observação supracitada do pesquisador John Ferguson.

linguisticamente. Assim é que a língua grega arcaica se encontra dividida nos seguintes grupos dialetais: ático-jônico, dórico, eólico e árcade-cíprio com suas respectivas subdivisões (OLIVEIRA, 2008 a, p. 25).

³² Aceita-se que o antigo macedônio seja um descendente do protogrego (um suposto ancestral comum a todas as variantes da língua grega). O protogrego, no fim do terceiro milênio, era falado na Península Balcânica.

É bem verdade que uma língua é passível de mudanças no decorrer dos tempos, sendo essas mudanças um processo gradual e dinâmico. Não obstante, contra a evolução da língua grega, entre os séculos I a.C. – I d.C. surgiram os “aticistas” que defendiam o “purismo ático clássico”.

A evolução da língua representa o “resultado de duas forças opostas: uma, a força conservadora, que tende a manter seu estado atual; outra inovadora, que tende a levá-la para outras direções” (MELLO, 1985, p. 93).

A língua é, de um modo geral, coletiva, todavia, cada escritor / leitor tem suas particularidades, preferências linguísticas. Não obstante, o linguista Sapir lembra que “estamos constantemente sob a impressão de ser originais e até aberrantes, quando, na realidade, estamos, apenas, repetindo um padrão social com o mais ligeiro toque de individualidade” (SAPIR, 1969, p. 65).

O *Novo Testamento* como um todo e a maioria das obras dos autores cristãos - sejam eles Apologetas ou Padres da Igreja Oriental, renomados oradores eclesiásticos ou poetas - utilizaram a *Koiné Helenística*, para que penetrassem na massa de populações a serem convertidas ou doutrinadas em uma época que se seguiu à atividade apostólica dos doze discípulos (HORTA, 1988, p. 85).

Certos livros do *Novo Testamento* grego estão num nível literário maior do que outros, assim, há livros mais bem elaborados do ponto de vista da estilística e das construções sintáticas como *Hebreus*, *Atos*, *Lucas* e *Tiago*, e aqueles que estão escritos num nível mais simples como o *Apocalipse* e as epístolas I, II, III de João (OLIVEIRA, 2008a, p. 27).

É bom lembrar que, de acordo com a tradição religiosa, a *Septuaginta* é a tradução das Escrituras Hebraicas para a língua grega realizada na segunda metade do século III a.C. em Alexandria, no reinado de Ptolomeu II Filadelfo. Em relação à origem dessa tradução

grega, tem-se duas versões: uma considerada lendária e a outra, histórica. Cite-se, primeiramente, a lendária que se encontra na “Carta de Aristéias a Filócrates”³³. De acordo com essa carta – datada de Alexandria no ano 200 a.C. – o próprio Aristéias – que era um oficial da guarda real – escreve a seu irmão Filócrates. Nesse documento, Aristéias faz referência a uma certa embaixada que o rei egípcio, Ptolomeu II Filadelfo, enviou a Eleazar, o sumo sacerdote de Jerusalém (OLIVEIRA, 2008c, p. 115-117).

Assim é que convém destacar a origem do ponto de vista histórica que parece ser a mais aceita e plausível no momento. Nos dois últimos séculos anteriores a Cristo, os judeus constituíam cerca de 2/5 da população de um modo geral, principalmente, em Alexandria, sendo muito numerosos no Egito. Ao lado da Palestina e da Babilônia, a cidade de Alexandria se tornou um importantíssimo núcleo judeu. A propósito, muitos dos judeus estabeleceram residência em Alexandria após exílios. Sublinhe-se que, no tempo do rei do Egito Ptolomeu II Filadelfo (285-246 a.C.), os judeus receberam privilégios políticos e religiosos. Ressalte-se que o contexto histórico e social de Alexandria era favorável e propício para uma tradução das Escrituras Hebraicas para o grego. Todos admitem que a LXX foi redigida em grego popular, a *Koinè Diálektos* (OLIVEIRA, 2008c, p. 115-117).

A versão grega das Escrituras Hebraicas era muito popular entre os judeus nos primórdios do Cristianismo. Vários são os exemplos que se podem colher, cite-se, por exemplo, os capítulos 6 e 7 de *Atos dos Apóstolos*, quando Estevão, em seu discurso de defesa diante de religiosos judaicos, utiliza a tradução grega para contar fatos a respeito da história israelita (OLIVEIRA, 2008 a, p. 27).

³³ Esta Carta de Aristéias é considerada um documento “pseudo-epígrafo” para designar os livros religiosos não-canônicos. A denominação de “Carta de Aristéias a Filócrates” apareceu em um manuscrito, pela primeira vez, em Paris do século XIV: o Ms. Parisinus, 950 da Biblioteca Nacional de Paris. Apesar dessa delegação enviada à Jerusalém constituir o tema central da carta, há outros assuntos tais como: a liberdade de cem mil escravos judeus no Egito, a descrição da cidade de Jerusalém e do Templo entre outras abordagens.

O helenista Pierre Lévêque atesta ainda que existe uma diferença entre os judeus que vivem na Judéia, cuja helenização é “superficial” e os judeus da *Diáspora*, especialmente, os do Egito, da Anatólia e da Síria, onde a assimilação da cultura grega foi mais profunda (LÉVÊQUE, 1987, p. 51).

O teólogo Tognini atesta que “o helenismo volveu-se para Roma com sua cultura e fez do Império Romano um mundo greco-romano” (TOGNINI, 1983, p. 45).

Pode-se dizer que o grego era bem mais comum do que o próprio latim mesmo em Roma. A helenista Guida Horta lembra que:

Contudo, a superioridade militar, política e econômica dos Romanos, tornados senhores do mundo, e assim continuando por vários séculos, não foi bastante para erradicar, ou mesmo suplantar, nem a influência cultural, nem a língua comum difundida entre os povos helenizados, a qual permaneceu evoluindo e afirmando-se cada vez mais, no Oriente, até tornar-se a única modalidade do grego falado e escrito, durante o subsequente período bizantino (que se estendeu do V ao XV séc. de nossa era) (HORTA, 1988, p. 83).

Finley destaca que a parte Oriental do Império (Romano) foi ainda grega - grega helenística – até ao fim. O Cristianismo primitivo foi pregado a gregos, judeus helenizados e outros povos helenizados das províncias orientais, na língua e com as técnicas dos retóricos gregos. Não era utilizado o Antigo Testamento em língua hebraica, mas a tradução grega realizada no decorrer do segundo e terceiro séculos a.C. (FINLEY, 1963, p. 153).

Assim, o Império Romano era bilíngue, uma vez que, na Europa Ocidental, falava-se o latim e, no Oriente Helenizado e na Grécia (que havia se tornado província romana desde o II século a.C.), falava-se em *Koiné*.

A propósito, o que sobressai, na civilização helenística, é, justamente, o papel que dois grupos estrangeiros desempenham: os judeus e os romanos. Por um lado, os judeus continuaram convencidos que suas crenças eram superiores; por outro lado, os romanos agiam a partir de uma posição de força, preservando, assim, a sua identidade e superioridade. Na verdade, pagavam aos gregos, para que esses lhe ensinassem a sua cultura; não obstante, por vezes, nem pagavam, pois os gregos eram seus escravos. Os romanos ao assimilarem as convenções literárias, formas artísticas, idéias filosóficas etc. colocaram a si próprios e aos gregos em uma situação recíproca inigualável. Os romanos fizeram da própria língua um instrumento que podia rivalizar com o grego e transmitir as idéias helênicas com precisão (MOMIGLIANO, 1991, p. 16-17).

É bem verdade que o latim não constitui uma língua original bíblica, como o é o hebraico (língua original do *Antigo Testamento*, apesar de haver trechos em aramaico, sobretudo, em Esdras 4: 8 a 6: 18; 7: 12-26; Daniel 2: 4 a 7: 28; Jeremias 10: 11) e o grego (língua original do *Novo Testamento*, conforme já foi mencionado), mas influenciou o léxico do grego bíblico³⁴.

Aliás, a língua grega também influenciou o vocabulário do latim dito cristão, assim, tem-se empréstimos linguísticos do grego *koiné* para o latim 'cristão': *apostata*, *apostolus*, *baptizo*, *catechumenus*, *diaconus*, *episcopus*, *angelus*, *charisma*, *evangelium*, *martyr*, *anathema* etc.

³⁴ Todavia, não se deve esquecer da existência da versão latina da Bíblia, muito famosa, – a *Vulgata* – feita por Jerônimo em 387-405 d.C. Ele traduziu o *Antigo Testamento*, diretamente, do hebraico e o *Novo Testamento*, do grego.

Pode-se considerar o latim e o grego como dois idiomas que são considerados como veículos “multisseculares da transmissão das tradições e da doutrina religiosas, constituindo-se nas duas línguas litúrgicas do Cristianismo” (HORTA, 1988, p. 82).

O historiador Funari destaca que os povos conquistados pelos romanos poderiam continuar utilizando a língua materna e seus costumes. Jesus e os seus discípulos, além de falarem o aramaico, possuíam uma religião diferente da dos romanos (FUNARI, 2002, p. 126).

Como destaca o pesquisador Ferguson,

Os movimentos dos povos, voluntários ou forçados, atingem uma nova escala. Todos podem viajar livremente, como nunca até então, exceto os assaltantes. Roma limpa os mares de piratas e a terra de salteadores. “Graças a Roma – escreve Ireneu, bispo de Lião, do fim do século II -, mesmo os cristãos podem percorrer os caminhos sem receio, e viajar até onde quiserem”. Os governantes helenistas abriram o mundo (FERGUSON, 1973, p. 21-22).

Ora, a observação supracitada do pesquisador helenista inglês faz ressoar a cena de Pentecostes, ocorrida em Jerusalém, onde se encontrava uma grande variedade de povos e de raças:

5 “Judeus, homens misericordiosos de toda a nação dentre aquelas (que há) debaixo do céu habitavam em Jerusalém.

6 Quando um som sobreveio, a multidão se reuniu e ficou estarecida, pois cada um ouvia na própria língua, eles falando.

7 Se assustaram e se admiravam, dizendo: 'Não vede (que) todos estes são falantes galileus ?.

8 E como nós ouvimos cada um (falar) em nossa própria língua em que somos nascidos ?.

9 Partos e Medos e Elamitas e aqueles que habitam a Mesopotâmia, Judéia e também Capadócia, Ponto e a Ásia,

10 Frígia e também Panfília, Egito e as regiões da Líbia, nos arredores de Cirene e os Romanos habitantes;

11 Tanto Judeus quanto prosélitos, Cretenses e Árabes, ouvimos eles falando nas nossas línguas as grandes maravilhas de Deus'.

12 Todos se assustaram e estavam atônitos, dizendo um ao outro: 'O que é isto ?'.

13 Outros, zombando, diziam: ' Estão repletos de vinho'".
(Atos 2: 5-13)

Interessante lembrar é que, quando Jesus Cristo estava na cruz, Pilatos escreveu um título em letras gregas, hebraicas (diga-se aramaico³⁵) e latinas, isto é, foi uma inscrição trilingue:

19 Pilatos escreveu um titulo e colocou em cima da cruz; estava escrito: 'Jesus Nazareno, o Rei dos Judeus'.

³⁵ A propósito, pelo fato dos hebreus terem se utilizado do aramaico como uma língua, em determinadas passagens bíblicas do *Novo Testamento*, o aramaico passou a se chamar *hebraico* (Lucas 23: 38; João 5: 2; 19: 13, 17, 20; Atos 21: 40; 26: 14; Apocalipse 9: 11). Como pontua o teólogo Silva: “quando o NT menciona hebraico, trata-se, na realidade, do aramaico” (SILVA, 2001, p. 73)

20 Muitos dentre os judeus leram este título, porque o lugar, onde Jesus fora crucificado, estava próximo da cidade. E estava escrito em hebraico, em latim e em grego.
(João 19: 19-20)

Assim, de acordo com os versículos supracitados, atesta-se o latim como a língua dos romanos dominadores, o grego como a língua de ‘comunicação internacional’ e o hebraico (diga-se, o aramaico palestinese) como a língua nativa da Palestina.

Salienta-se que o aramaico, durante o Império Persa, não atuou como língua internacional da mesma forma que o grego atuou no *Período Alexandrino*.

Convém ressaltar que Jesus também falava em hebraico, pois os rolos que continham as *Escrituras Sagradas* estavam em hebraico (Lucas 4: 16-20). Então, o hebraico sobrevivia como uma língua do culto divino no Templo e nas Sinagogas.

Ora, o historiador Francisco José faz uma ressalva interessante a respeito do Cristianismo:

O cristianismo, de fato, encontrou uma multiplicidade de culturas com as quais estabeleceu complexos processos de intercâmbio. Não por acaso, ele falava aramaico nas suas origens palestinas, chegou a falar, no século VI, grego, latim, copta, siríaco, armênio, etíope, gótico, só para enumerar alguns testemunhos desse processo (GOMES, 2000, p. 169).

Cristina Mohrmann sublinha que “a *koiné* grega foi a primeira língua ecumênica que serviu de intérprete ao pensamento cristão através do mundo antigo” (apud ELIA, 1979, p. 55), afinal, foi a língua da evangelização cristã.

Na verdade, a *Koiné* assimilou vários vocábulos estrangeiros em sua difusão pelas ‘regiões helenizadas’. Encontra-se, então, na *Koiné Neotestamentária*³⁶, certos ‘estrangeirismos’, isto é, vocábulos que não têm sua origem no idioma helênico, mas que entraram no léxico dialetal do *Novo Testamento* por ‘empréstimos linguísticos’. Então, atesta-se, nos escritos neotestamentários, palavras e expressões de origens latinas, hebraicas, aramaicas (cf. ‘*latinismos*’, ‘*hebraísmos*’ e ‘*aramismos*’)³⁷, egípcias, indianas, macedônias, fenícias, árabes e persas; numa espécie de ‘integração sócio-linguística-cultural’ entre gregos, romanos, hebreus, arameus, egípcios, indianos, macedônios, fenícios, árabes e persas. (OLIVEIRA, s/d, p. 169).

Denominam-se estrangeirismos a determinados vocábulos integrados em uma língua nacional. Esses estrangeirismos, sempre que necessários, são adaptados – diga-se *assimilados* – fonológica e morfologicamente à estrutura de uma língua nativa (OLIVEIRA, s/d, p. 169).

Como pontua o linguista Bloomfield, o empréstimo linguístico é “a ação de traços linguísticos diversos dos do sistema tradicional” (apud CÂMARA, 1996, p. 104).

Câmara sublinha que o condicionamento social para os empréstimos é o contato entre povos de línguas diferentes, o qual pode ser por coincidência, ou contiguidade geográfica, ou, à distância, por intercâmbio cultural em sentido lato (CÂMARA, 1996, p. 104-105).

³⁶ Na *Koiné Veterotestamentária* também há ‘estrangeirismos’.

³⁷ É bom lembrar que, na língua portuguesa, os estrangeirismos mais comuns são os *galicismos* (sobretudo o francês) e os *anglicismos* (inglês).

Citem-se, apenas, alguns desses estrangeirismos:

<u>Os Latinismos</u>	<u>Os Hebraísmos</u>	<u>Os Aramismos</u>
assárior (do latim <i>assarius</i> , -a, -um) – O <i>assário</i> corresponde a 1/10 de uma dracma (Mateus 10 : 29).	hallelouia (do hebraico <i>hallelû-yah</i>) – “Louvai a Yahweh” (Salmo 111: 1; Apocalipse 19: 1).	Abba (do aramaico <i>’āb</i> ,) – “Pai” (Gálatas 4 : 6).
denárior (do latim <i>denarius</i> , -i.) – moeda romana de prata (Marcos 12: 15).	amén (do hebraico <i>’amen</i>) – É uma espécie de concordância, significando “é verdade, assim seja ...” (Salmo 106: 48; Apocalipse 3 : 14).	Golgothâ (do aramaico <i>gulgulia’</i>) - “Crânio” (Lucas 23: 33).
kenturion (do latim <i>centurio</i> , -onis.) – Oficial Militar (Marcos 15 : 39).	Messias (do hebraico <i>māshîah</i>) – “Ungido”, utilizado, principalmente, no Novo Testamento, como um título para Jesus (João 1 : 41).	Satanâs (do aramaico <i>satan</i>) - Significa o “adversário” (Jó, 1: 6; II Coríntios 2: 11).
Kaísar (do latim <i>Caesar</i> , -aris.) – “Senhor”, corresponde a <i>Kýrios</i> no grego, a <i>Kaiser</i> no alemão e a <i>Czar</i> no russo (Mateus 22 : 21).	Hosanná (do hebraico <i>hoshiah na’</i>) – Por vezes, possui um tom parenético de “salve” (Mateus 21 : 9).	Maranathá proveniente de dois termos aramaicos <i>maràn</i> , “Senhor” e <i>athá</i> , “vem” (I Coríntios 16: 22).

O teólogo Miranda é enfático:

Principalmente, é preciso conhecer as peculiaridades da língua hebraica, cuja influência se estende ao próprio texto grego. Pois, como já observamos, ainda quando escreviam em grego, os autores sacros, hebreus que eram, conservavam o modo de pensar dos hebreus e não raro traduziam em grego literal, expressões hebraicas ou aramaicas. A própria versão de S. Gerônimo, e muitas vezes em línguas modernas,

por buscarem fidelidade ao texto original, não fugiram a esta influência dos hebraísmos inevitáveis (MIRANDA, 1985, p. 52).

	<u>Alguns Exemplos de Estrangeirismos Diversos</u>
<u>Egípcio</u>	<i>sínapi</i> - Costuma-se traduzir por ‘cevada’ ou ‘grão de mostarda’ (Mateus 13 : 31-33).
<u>Macedônio</u>	<i>krábbatos</i> - É um tipo de leito para repouso, cama para pessoas pobres (Marcos 2: 1-12).
<u>Fenício</u>	<i>íaspis</i> - O sárdio era a primeira pedra que o sumo sacerdote trazia no peitoral e o <i>jaspe</i> era a última pedra do peitoral do sumo sacerdote (cf. Êxodo 28: 17, 20). Ambas as pedras possuíam cores muito parecidas (Apocalipse 4: 3).
<u>Árabe</u>	<i>kinnámonon</i> - “Cinamomo” era um tipo de planta – da família das <i>meliáceas</i> - de substância, mais precisamente, semelhante à canela, tanto era utilizado em alimentos quanto em fragrâncias (Êxodo 30: 23; Apocalipse 18: 13).
<u>Persa</u>	<i>Parádeisos</i> - do persa antigo <i>pairi-daeza</i> , <i>pari-daeza</i> , <i>para-daza</i> . O historiador grego Xenofonte denotava <i>Parádeisos</i> como os parques dos reis e nobres persas (XENOFONTE. <i>Anábase</i> I, 2, 7; <i>Ciropedia</i> I, 3, 14), daí o vocábulo ter um sentido de um lugar esplendoroso, magnífico, de bem-aventurança (cf. Neemias 2: 8; Lucas 23: 43).

Na *Koiné*, há a predominância da coordenação sobre a subordinação oracional, há muitas repetições de partículas tais como *kaí* (Mateus 8: 9, 27: 40; Marcos 7: 28; Lucas 22: 37; Atos 11: 1), *dé* (Marcos 14: 51-2; Romanos 3: 22; Hebreus 5: 14, 12: 6), *íde* (Mateus 25: 20, 22, 25; João 1: 29), *idou*³⁸ (Mateus, 1: 20, 23; Lucas 17: 23) etc.

Determinadas mudanças semânticas são dignas de nota, principalmente, no grego do *Novo Testamento*, citem-se, por exemplo:

³⁸ Os dois últimos vocábulos são formas verbais utilizadas, por vezes, como interjeições.

Vocábulos	<u>Significados</u>
agápe/ agapáo	Muitas vezes, significando o “amor incondicional de Deus pelo ser humano” (João 3: 16; Romanos 5: 8).
kháris	A “graça, o favor imerecido de Deus” (Atos 14: 26), incluindo a misericórdia, o prazer e a alegria redentora que Deus oferece aos seus eleitos.
euangélion	“As Boas Novas” do Reino de Deus e da salvação através de Jesus Cristo com base em Sua morte expiatória, ressurreição e ascensão (Atos 15: 7; 20: 24).
parousía	Termo principal para aludir não, somente, à vinda de Cristo à terra no arrebatamento da Igreja, mas também à Sua presença com eles (I Coríntios 15: 23; I Tessalonicenses 4: 15).
ekklesía	Vocábulo que denota os redimidos do Senhor ao longo de toda a Era (Mateus 16: 18), a igreja que é o “Corpo de Cristo” (Efésios 1: 22, 23).
Logos	O Verbo Encarnado que se fez carne, em uma alusão a Jesus Cristo (João 1: 1).
rhêma	A Palavra de Cristo, isto é, a “Palavra de Poder” que prega a Cristo (Romanos 10: 17).
koinonía	Vocábulo que denota as experiências e os interesses comuns dos cristãos (Gálatas 2: 9).

A *Koiné*, pouco a pouco, foi evoluindo e se fortalecendo no Império Romano do Oriente até ser o único dialeto grego existente no decorrer do período bizantino (em torno do século V ao XV d.C.). A *Koiné* da Época Bizantina, que teve sua origem na “*Koiné Helenística*”, vai resultar no grego moderno com alterações na fonética, na morfologia e na sintaxe (OLIVEIRA, 2008 a, p. 28).

Afinal, como pontua a helenista Suzanna Mello “as línguas são instrumentos de comunicação que possuem vida, vida essa de ordem puramente intelectual, mas que cria um organismo vivo tão real como o são os organismos vegetais ou animais” (MELLO, 1985, p. 93).

BIBLIOGRAFIA

DOCUMENTAÇÃO TEÓRICA

- AYMARD, André e AUBOYER, Jeannine. **O Oriente e a Grécia Antiga** - Tomo I. Tradução de Pedro Moacyr Campos. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972.
- BAYLLE, Anatole. **Dictionnaire Grec-Français**. Ed. Revista por L. Séchan e Chantraine. Paris: Hachette, 2000.
- BRANCO, Fofo Zarkada. Redescobrimdo a Macedônia. **Calíope – Presença Clássica**. Rio de Janeiro, nº 2, p. 14-16, janeiro / junho, 1985.
- CHANTRAINE, Pierre. **Dictionnaire Étymologique de la Langue Grecque** – Histoire des Mots - Tome I, II, III, IV. Paris: Klincksieck, 1968-1981.
- CHARPENTIER, Etienne. **Para Uma Primeira Leitura da Bíblia**. Tradução de Padre José Raimundo Vidigal. São Paulo: Edições Paulinas, 1981.
- FERGUSON, John. **A Herança do Helenismo**. Antônio Gonçalves Mattoso. Lisboa, Portugal: Editorial Verbo, 1973.
- FINLEY, M. I. **Os Gregos Antigos**. Tradução de Artur Morão. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1963.
- FUNARI, Pedro Paulo. **Grécia e Roma**. São Paulo: Contexto, 2002.
- GOMES, Francisco José Silva. Crisandade. **Phoînix**. Rio de Janeiro: 7 Letras Editora, p. 178-186, 2000.
- HORTA, Guida Nedda Barata Parreiras. **Os Gregos e Seu Idioma**. Tomo II, Rio de Janeiro: di Giorgio, 1979.
- _____, Guida Nedda Barata Parreiras. Helenismo e Cristianismo. **Calíope – Presença Clássica**. Rio de Janeiro, nº 7, p. 81-93, julho / dezembro, 1988.
- JÚNIOR, Mattoso Câmara. **Princípios de Linguística Geral**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969.

- LÉVÊQUE, Pierre. **O Mundo Helenístico**. Tradução de Teresa Meneses. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1987.
- MCKENZIE, John L. **Dicionário Bíblico**. Edições Paulinas. São Paulo: 1983.
- MELLO, Suzanna Teixeira de. Palavras e Coisas: Um Problema Semântico. **Calíope – Presença Clássica**. Rio de Janeiro, nº 2, p. 93-98, janeiro / junho, 1985.
- MIRANDA, Antônio Afonso de. **Conversando Sobre a Bíblia**. Editora Santuário. Aparecida - São Paulo: 1985.
- MOMIGLIANO, Arnaldo. **Os Limites da Helenização**. Tradução de Claudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.
- MOSSÉ, Claude. **Alexandre, o Grande**. Tradução de Anamaria Skinner. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.
- OLIVEIRA, Luciene de Lima. **Gramática de Grego Bíblico – Neotestamentária – Tomo I**. Rio de Janeiro: Edição do Autor, 2008a.
- _____, Luciene de Lima. **Gramática de Grego Bíblico – Neotestamentária – Tomo II**. Rio de Janeiro: Edição do Autor, 2008b.
- _____, Luciene de Lima. A Septuaginta – Uma Herança Alexandrina Até Os Nossos Dias. **Principia**. Rio de Janeiro, v. XVI, p. 115-122, 2008c.
- _____, Luciene de Lima. **Estilística Retórica & ‘Estrangeirismos’ na Koiné Neotestamentária**. Rio de Janeiro: Edição do Autor, s/d.
- SAPIR, Sílvio. **Linguística Como Ciência**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969.
- SILVA, Amós Coelho; CEOLIN, Aírto Montagner. **Dicionário Latino-Português**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Ingráfica Editorial Ltda, 2005.
- SILVA, Antônio Gilberto da. **A Bíblia Através dos Séculos**. Rio de Janeiro: CPAD, 1979.
- TOGNINI, Enéas. **Geografia da Terra Santa**. São Paulo: Edição Louvores do Coração, 1983.
- VEYNE, Paul. **A Sociedade Romana**. Tradução de Maria Gabriela de Bragança e Clara Pimentel. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1990.

VINE, W. E. **Dicionário Vine: O Significado Exegético e Expositivo das Palavras do Antigo e do Novo Testamento.** Rio de Janeiro: CPAD, 2005.

DOCUMENTAÇÃO TEXTUAL

Antigo Testamento Poliglota: Hebraico, Grego, Português, Inglês. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2003.

ARISTÓTELES. **Política.** Edição Bilíngue. Antônio Campelo Amaral e Carlos de Carvalho Gomes. Lisboa: Vega, 1998.

Bíblia de Estudo de Genebra. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

Novo Testamento Interlinear: Grego - Português. Barueri, São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2004.

XÉNOPHON. **L' Anabase.** Paris: Librairie Hachette, 1938.

_____. **Cyropédie.** Paris: Les Belles Lettres, 1972.